

Deponente: José Cecílio Damaceno – Tacrô Krenak.

Entrevistadores: Juliana Ventura de Souza Fernandes, Marco Túlio Antunes Gomes, Paulo Afonso Moreira e Pedro Berutti Marques.

Data: 23 de março de 2017.

JULIANA: Então, o senhor nasceu aqui nessa terra indígena mesmo?

JOSÉ DAMACENO: Eu nasci aqui, eu saí daqui com 8 anos de idade pra São Paulo, no tempo de despejo, hum. Mas, só que nós vai e volta, hum.

JULIANA: Uhum, vai e volta aqui atrás.

JOSÉ DAMACENO: É. No campo à esquerda aqui.

JULIANA: Uhum.

JOSÉ DAMACENO: O (trecho incompreensível) eu, esse meu cunhado é um sobrinho do Tiãozinho do Sebastiãozinho casado com a Gisela aquela (trecho incompreensível), filha da Luiza aí. A minha mãe mora em São Paulo.

JULIANA: Em São Paulo, ainda?

JOSÉ DAMACENO: Lá no Rio, lá na aldeia, ela tá com... Fez agora em julho, ela fez 114 anos.

JULIANA: É mesmo? Como é que ela chama?

JOSÉ DAMACENO: Jovelena Jones Damaceno.

JULIANA: Dona Jovelina.

JOSÉ DAMACENO: E ela é mais velha que o finado tio Ocrides. O finado tio morreu com 107, ela é mais veia 7 ano. Eu tenho um irmão com 99 ano.

JULIANA: É mesmo?

JOSÉ DAMACENO: Uhum. Eu tô com 63 já.

JULIANA: Uhum. E seu Zezão, como é que... Quando o senhor saiu daqui foi para São Paulo, foi em que época assim, saiu por causa de que, já tinha polícia aqui nessa época?

JOSÉ DAMACENO: Não, não, nós saímos daqui era tempo da SPI, então saímos daqui pra lá eu tinha 4 anos. Duponde. Aí no tempo dupon é chacari.

JULIANA: Dos Maxakali. O senhor chegou a morar no Maxakali?

JOSÉ DAMACENO: 4 anos.

JULIANA: É?

JOSÉ DAMACENO: Aí dispôs eu fui pra Brasília, pra ir pra o Bananal. Daí Bananal, uhum, nós ficamos 9 meses. Então, a mãe dela que é tia, a Luiza é minha sobrinha, primo, a mãe

dela tinha amargoso foi na frente nossa. Mas ela não, mas ela casada Krenak com Maxakali. Ela não explicou ocês aí não?

INTERLOCUTOR: Explicou.

JOSÉ DAMACENO: Uhum, ela é minha prima, que a minha mãe é tia dela. Então, nós ficamos lá, a tia Maria Augusta foi lá aí tinha aquele negócio que ela vinha tocar na mão assim. Vendo ele veio pra pôr pra ir embora, ele falou, “Não vai não que lá e ruim, não vai não”. Ela pediu pra vir embora de boa. Aí nós veio embora outra vez. Aí ficamos na aí, ali pra casa da dona Valeta ali, aí já é do Afrânio já, aquela casa que mora o Rondon, ela era do fazendeiro lá, o Afrânio e aí que a minha mãe teve a minha irmã que é a Santa, a Cleuza.

JULIANA: Ah, o senhor é irmão da Dona Santa?

JOSÉ DAMACENO: Sou. A Viviane é minha filha. Mas, aí pra ela então foi assim. Aí até que estava lá e voltamos pra São Paulo outra vez, o meu pai faleceu, o trem pegou o meu pai bem ali no ABB. Aí eu tinha 8 anos, aí o meu tio Antônio Jorge que Manuel irmão da tia Margô veio buscar nós e nós fomos pra lá. Pra senhora ver o sofrimento. Aí pega e despejou nós, esparrando todo mundo, um pouco pra Mato Grosso, um pouco pra São Paulo, né?!

JULIANA: Sim.

JOSÉ DAMACENO: E até ali ficamos, a minha mãe tá lá em São Paulo até hoje, mais os irmão, tudo lá, Gerso, Antônio, a Lia, tudo tá em São Paulo. João Bôgo. João Bôgo é parente da minha irmã, né.

JULIANA: É parente. É tudo parente do senhor?

JOSÉ DAMACENO: Tudo parente. Tem até umas trezentas parentada, tudo lá, e não querem vim pra cá, por causa... A minha mãe ficou uns três mês aqui em casa e não quer ficar não.

JULIANA: Por quê senhor?

JOSÉ DAMACENO: Sentiu que foi despejada, isso magoou ela. Sentindo. Pra ir nós vamos... De lá pra cá ainda temo onde mexer com terreno, nós voltamos 15 famílias de lá pra cá fomo. Ficou aqui só Aline, e o pessoal aqui dentro embarracado, só aqui dentro de um barracão e foi pra São Paulo. Nós todos é o povo de São Paulo pra cá, os Krenak e aí fomo na justiça pra ver como é que nós vamos dar jeito, agora eles vão pegar na justiça toda vez. De Marinha conheci ele, né, um dia eu tava no Gravataí que é sempre assim quer mal, e pega... é poderoso no dinheiro né, e debelava o delegado é a FUNAI e nós ficava pra trás. Aquilo lá tava (trecho incompreensível). O delegado lá que nós precisou botar ele dentro do capu do carro e entrar, passar no barco. Eu tenho 30 anos que eu tô lá barco.

JULIANA: No barco, né?

JOSÉ DAMACENO: Uhum. Tem um barco novinho, tem lá no rio, lá tudo amotorsado, então todo mundo procura eu. Pra nós ir lá em cima, tem a história, volto. É assim. Deve ter sentido aí falando, aí é o jeito, falando. Então, é perto e o meus irmãos não vem.

JULIANA: Não vem?

JOSÉ DAMACENO: Não vem me visitar em alguma vez. Não guenta ficar aqui não que tudo nós foi despejado. Nós tá bem lá, graças a Deus, tem meu irmão que mexe com seringa lá. Mexe com seringueira para fazer borracha. Sabe? Então, vai ver que nós (trecho incompreensível) é a vida. Graças Deus, do jeito que ela tá recuperando as coisas, né, nós passemos que é dificuldade demais, perdemos a nossa lajedo de pedra, perdemos tudo, nossa praia, perdemos tudinho perdemos o rio Doce que é nossa mãe e nosso pai. Nós, não tem um peixe pra panhar lá. Não tem uma caça pra panhar. Se nós quiser comer uma capivara que sempre nós gostava, o peixe, agora tem uma da lagoa dos fazendeiros pra lá, compra aqueles peixes sem gosto, sem nada. Não tem o gosto do peixe do rio Doce mais não. Capivara, os meus meninos gosta de comer, vão caçar capivara, perto dos fazendeiros, os fazendeiros (trecho incompreensível) não tem o gosto mesmo do rio, tudo não tem o gosto. Vai pegar um peixe, a Luiza mesmo, você pode falar “Luiza, o peixe é...”. traz para ela lá ela conhece que o peixe não é do rio do Doce, o osso é diferente, eu conheço é nagô, é o sabor... peixe ali da represa que é criado com bosta de porco, de tudo. O bom é que era natural, peixe criado pelo lodo mesmo, pela natureza. Então, é isso aí que é o problema nosso, o sofrimento, ninguém vai na praia, criança não vão lá na praia pra tomar banho não.

JULIANA: Não vai?

JOSÉ DAMACENO: Não, de jeito nenhum. Dormia na pedra, cantava (trecho incompreensível), cantava indígena “ginantá, ginantá” nós não brinca mais na pedra.

INTERLOCUTOR: De noite nós saia aqui pra dormi na ilha (trecho incompreensível).

JOSÉ DAMACENO: No tempo de calor nós não tinha ventilador que nós vem tomamos tem uma esteirinha e estava todo mundo aqui, o outro batia tarrafa pra pegar peixe um bongo ou at umbiê pocã mangô tinha tudo.

INTERLOCUTOR: Era a felicidade nossa... acabou.

JOSÉ DAMACENO: Acabou. Tanto é que nós às vezes chora. Aborricido. O pessoal fala que não volta lá mais Rio Doce mais.

INTERLOCUTOR: Mas, é o que eu falei com ele também, eu tratei meus filho sozinho. Tem duas casada e uma solteira (trecho incompreensível).

JOSÉ DAMACENO: Foi. Ela jogava sapo nas costas dele. Só e Deus, 10 quilos de cascudo vendido na rua, pra comer, comprar só, não compra tudo não. Acabou.

INTERLOCUTOR: Meus filho tá vivo ainda graças a Deus o rio doce.

JOSÉ DAMACENO: Minha mãe veio aqui, ficou três mês aqui, pegava ele lá, quando nós ia pegava lambari quando nós ia pescar, né. Agora não é mais não, pegava um peixinho lá e ela chorava por causa do peixinho, é que ela gostava de uma cachacinha, nós dava cachaça pra ela e comia com um peixinho frito.

INTERLOCUTOR: Bom, menina você precisa de ver a tristeza que esse povo fizeram com esse...

JULIANA: Mariana?

INTERLOCUTOR: Você precisava de ver os peixes queria sair pra fora para juntar no logo. O que nós tinha que fazer? Nós tinha que chorar, até camarão querendo sair pra fora.

JOSÉ DAMACENO: Peixe, nós não podia nem ligar motor, tinha que remar no remo, levar o barco no remo (trecho incompreensível), como é que chama ele, o marido da... o gerente da estação, esqueci o nome dele. É Isidoro que ele chama?

INTERLOCUTOR: É.

JOSÉ DAMACENO: Isidoro, ele filmando, ele trabalha na filmadora, filmando, chorou, no meio do rio ele chorou. Desde aquele contou 1.500 peixe morto assim, dentro de uma hora e quarenta minuto. Com eles lá pra chuva, segurou ele, chorou que como eu nunca vi na minha vida. De chorar de decorar o nome do barco, queimei tá secando num cantinho lá. Aí barão chegou, tirou ele e botou na praia, e começou a chorar (trecho incompreensível) “Eu nunca vi uma coisa dessa na minha vida.”. Estava só ele e os peixe assim, não tinha água, não via água não, só via peixe assim.

INTERLOCUTOR: Pra você remar tinha que tirar os peixe assim, num fedor danado (trecho incompreensível).

JOSÉ DAMACENO: Muito triste, veio gente lá de fora pra assistir, sem notícia lá de Calixto, Dependência e Goiabeira, veio de tudo, de cada lugar daquele tudo, não tinha nem jeito de salvar, era até como um estado do Brasil, que a gente tá num estado. Eu falei “ô gente” e chorava, e eu trabiando no túmulo. Eu fiquei nove dia internado. (Trecho incompreensível).

JULIANA: É por causa do rio que o senhor fala?

JOSÉ DAMACENO: É. Eu fiquei nove dia internado, recuperei, não cumi, perdi o cheiro da cumida, perdeu tudo.

JULIANA: Seu Zezão, na época do presídio o senhor morava aqui?

JOSÉ DAMACENO: Hum?

JULIANA: Na época do presídio o senhor morou aqui?

INTERLOCUTOR: O prédio Zezão...

JOSÉ DAMACENO: Hum, não, eu não cheguei a ver o presídio.

JULIANA: O senhor não viu...

JOSÉ DAMACENO: Eu tava lá em...

JULIANA: Em Guarani?

JOSÉ DAMACENO: Não. Só Vanuire. Vem muito do Mato Grosso, eu conheço só oito aldeia no Mato Grosso. E eu conheço só oito estado no Brasil e quatro fora do Brasil.

JULIANA: E porque o senhor mudava para esses lugares?

JOSÉ DAMACENO: É que eu ficava, sai daqui fui pra São Paulo, de São Paulo eu ia pra o Mato Grosso nas aldeia lá, né, lá no Bakairis, lá no coisa no Kadiwéus, os Terenos, (trecho incompreensível), nos Kaiowá, pra tudo quanto é canto lá.

JULIANA: Mas, era porque o senhor queria ou porque tinha que ir embora?

JOSÉ DAMACENO: É porque eu gostava de andar no meio deles assim, como diz assim, né, eles buscava eu. Eu fui... Ela mesmo sabe que eu fui... Cheguei quase ficar famoso de futebol.

JULIANA: Ah, é mesmo?

JOSÉ DAMACENO: Eu quase fui pra seleção brasileira.

INTERLOCUTOR: Num foi por causa disso aqui.

JULIANA: É mesmo?

JOSÉ DAMACENO: Eu joguei junto com o Manga. Já ouviu falar no Manga? Eu fui reserva do Manga.

JULIANA: Olha só, o meu avô fala demais nele.

JOSÉ DAMACENO: Uhum, peguei em Campo Grande um monte de ano, três ano pegando gol lá.

JULIANA: É mesmo?

JOSÉ DAMACENO: Peguei em Cascavél Paraná, Tupã, Marilha, Pená, Paraçatu, peguei tanto gol lá. Eu tenho cartão de árbitro, de juiz, tem tudo. Só não fui pra fé que o meu tio e a minha mãe não deixou que o meu pai era novo, que quem (trecho incompreensível) não deixava esse tempo ainda é índio, né, num deixava não. Aí depois que liberou aí eu fugi fui jogar fora. Eu tenho umas coisinha em São Paulo fui jogar futebol. Comecei ganhando eu empenava um e trezentos cruzeiro nesse tempo, né. Então, eu sei jogar futebol, inté hoje é curimba por tudo quanto é canto. E agora eu peguei no gol 35 anos. No gol, e jogava na linha também.

JULIANA: Mas, jogou muito tempo mesmo.

JOSÉ DAMACENO: Meus minino tudo brinca com bola, depois da malvada da cachaça eu passei pro o Corinthians e fui lá no coisa ali no Mineirão joguei, era tudo que passei. A danada da cachaça aí eu desprezei, me pegou, eu tava chovendo eu peguei e vesti a camisa e fui bater bola lá embaixo e esquecendo (trecho incompreensível) reclamou, brinca com o Corinthians também. Aí pega e eu fui lá numa vendinha lá e mandei botar uma pinga e conhaque, o fiscal, eu não sabia, ele pegou e tomou da minha mão. Não, é pinga meu deu suspensão de 15 dia, que desgostou. Aí os cara me risca assim no jogo e me levou pra Cascavel, pra lá, depois pra Londrina, Curitiba, depois dali fui pra Campo Grande, fiquei reserva do Manga lá. Quer dizer, eu tenho três ano a minha mulher... A ex minha mulher que eu não moro com ela mais, ela mora lá (trecho incompreensível).

JULIANA: (Trecho incompreensível).

JOSÉ DAMACENO: Não, Milda, não coisou ela não?

JULIANA: Sim.

JOSÉ DAMACENO: Há?

JULIANA: Ainda não conversamos com ela não, mas eu sei...

JOSÉ DAMACENO: Então, ela não gostou de morar na cidade, aí nós ficamos três ano lá, ela veio embora pra aldeia e eu fiquei lá jogando bola, de vez em quando vinha visitar ela, ela não guentou ficar lá não no alojamento não. E a FUNAI foi me apoiando, né, e o pessoal lá de Cascalhoás e assistindo o jogo, né, o pessoal de Baterias, gostava. É nosso parente, de Canave, então eu gostava, chegava e abraçava e não tava numa tarde pesada, sentava, os três vinha e batia um papo, gostava da gente demais. Que beleza, um índio ser profissional, eu falei “Não, não é profissional eu tô tentando”. Ir era festa pra mim, alegria. Eu gostei muito de futebol, né, então fiquei muito tempo até me escolheu através do futebol. Criei tudo pronto aqui pra todo mundo, era o futebol que eu ganho até hoje um pouquinho, né. E sou funcionário da prefeitura também, agora pra atravessar o rio.

JULIANA: Vai atravessar o rio?

JOSÉ DAMACENO: É. Eu tô só lá, 30 ano que eu trabalho aqui, que vai fazer, né.

JULIANA: Senhor Zezão, e como o senhor chegou lá na Fazenda Guarani então?

JOSÉ DAMACENO: Assim que eu tava em São Paulo, eu me casei, eu me casei e vim embora. Aqui fez despejo, todo mundo aqui pra Guarani, botaram num trem tio Joaquim Grande, o pai do Valdemar Dias falou assim, Anadil, né. Então, nós veio pra Guarani.

INTERLOCUTOR: Quem despejou essas famílias?

JOSÉ DAMACENO: Ah acho que foi o governo, vem e botou a gente pra patronato e aí despejou e trouxe a gente pras ilha aqui no Capitão Pinheiro. Aí ficou castigado, sacaram os índios, vem de fora pra eles ir. E daqui passou o Capitão Pinheiro foi mandado embora aí passou pra o Pontal. Fez outro título explicando mais certo, fez outro título falso, o governo, fez um título falso o pessoal dividiu o lote e vendeu pra os caras acabaro comprando, acusou. Aí a gente descobriu e veio pra cá, vamo precurar, aí daqui a gente foi pra Brasília passamo na FUNAI, a FUNAI arrumou dinheiro, ela arrumou dinheiro a UNE arrumou um dinheiro, acabei de treinar, nesse tempo eu tava em São Paulo na UNE, né, e passou um dinheiro e nós fomo em Brasília, Belo Horizonte, conversarmo com o Bispo que ele fala assim, esqueci o nome dele.

JULIANA: Dom Luciano?

JOSÉ DAMACENO: É o Bispo mais... De Belo Horizonte. Aí pegou e encaminhou a gente, nós fomo pra lá mexer com a terra, fiquei lá mais de 10 dia em Brasília. Então, nós chegava pra conversar com o presidente, o presidente... O pessoal falava que ele não tava que tinha viajado, aí nós ia outra vez, no outro dia e não tava outra vez e aí um rapaz e falou “não, ele tá lá em cima no prédio”. Aí chamei o Paulinho que saiu agora da UNE e falou, “então não sei” quando nós pegamo o elevador simplesmente fechou nós lá. Aí mandou só nós e aí deixou o Paulinho e não entra (trecho incompreensível) e o presidente tá lá dentro. Aí “nós queremos conversa com ele” (trecho incompreensível) não vai adianta com eles tão com (trecho incompreensível) só sofrendo não tem nenhuma janela aqui cozinhando junto na fonte e diferente. Nós quer saber de como é que hoje é o nosso lugar. No tempo tubernado, então Zezão, você é mais antigo e você sabe disso, você tem um pouquinho de estudo. Eu falei “estudo não é terra, nossa terra foi tomada”. Claro que nós ganhamo do governo, aquela terra é nossa. Mas, porque vendeu pra o fazendeiro? Porque o título original eles fizeram título falso, o nosso governo de Minas Gerais vendeu a terra com o título falso e na hora ele tava lá na OAB, a terra é do Rondon. O Rondon (trecho incompreensível) era de menor, foi o título do meu genro o Rondon. Gritou com ele, falou “pega a terra desse cara aí, junta aí agora e vai lá embaixo. Vai mostrar ou não vai? Nunca mais eu seguro (trecho incompreensível) não vai lá mais, não vai mostrar o título lá, daqui dois dias eu mando pra vocês. Ele falou, “eu vou estudar o caso primeiro e também vou levar o título pra vocês”. Tava lá só o Agildo que manda na Minas Gerais toda aí é Federal aquele que sentou aqui, falou assim você tá com problema isso tem tudo dentro vamo demarcar a terra. Sem direito a nada. Aí o seu (trecho incompreensível) falou assim, nós quer o...

JULIANA: Indenizar?

JOSÉ DAMACENO: Quantos anos vocês ganha dinheiro naquilo ali? Vocês têm que pagar só por nossas (trecho incompreensível) isso aí desfrutou a terra dele, vocês ainda querem indenização ainda? Vocês têm que pagar pra eles. Quanto vocês ganharam? Quanto dinheiro vocês têm no banco? Nós precisava da terra e nós vamo fazer só encaminhar pra vocês. Pronto. Foi assim. Além de, eles me falar que me precurou umas três vezes, quatro vezes, diz que vai me indenizar, eu falei “não sei”.

JULIANA: Então, na fazenda agora o senhor chegou lá de São Paulo? Ou o senhor chegou até aqui...

JOSÉ DAMACENO: Cheguei primeiro aqui, porque aqui, vim de São Paulo pra aqui e daqui fui atrás dele lá que eles estava despejado. Daqui eu fiquei seis mês aqui e morei naquela casinha lá, num quartinho ali, aqui na colônia aqui aí fui atrás deles também, aí fomo resolver esse problema.

JULIANA: Mas, a colônia aqui era a fazendeira do senhor?

JOSÉ DAMACENO: Não, começando aqui era a aldeia. De lá até... Aqui é a aldeia.

JULIANA: Ah sim.

JOSÉ DAMACENO: Então rebentou quando foi embora. Em 79. Não sei lá vai da de resolver o problema. Tá com banana e mais nada, tá passando é fome.

JULIANA: Lá na Guarani?

JOSÉ DAMACENO: Uhum. E o tempo que eu tô no... É lá, questão dele lá, eles deve devolver é pequena, né?

JULIANA: Uhum.

JOSÉ DAMACENO: Até resolver ali é 15 quilo pra ficar 30 dia em cada família de come, só, meio quilo de farinha, um quilo e meio de feijão, um quilo e meio de arroz pra fica 15 dia, pra sustentar tudo, um mês não tá. O que tá lá é a balanga, que tinha balanga nova que foi do pastor da aldeia, pra você ir daqui lá. Então, não precisa ir pra lá no mato, quando chega no mato e começa a vê e foi cabando. Aí vamo fazer o quê? Vamo vender madeira agora. Vamo, a hora que chegar lá vamo vender madeira?

Vamo. Mas, aí tem prisão. Eu falei, não vamo vender madeira. Aí nós fomo cortar madeira e tinha um monte de cagaia, aquele lagarto no coisa, no fazendeiro que morreu o Valesvan, o que morreu. Aí conseguimos cortar a madeira e vender pra o pessoal. Aí começamo a vender madeira pra cerca.

JULIANA: Pra cerca?

JOSÉ DAMACENO: Aí começou e aí a Federal foi no barco com seis mês. Daí vou faze o quê? Pasto demais, falei eu vou arrendar pasto então. Nós vamo arrendar pasto, mas lá eu

não vou não, você é peitudo Zezão, o seu Zé grande lá. Nós vamo ganhar lá e arrendar pasto, nós botava o pai dela aqui não estava, o pai dela passou lá. Então, o pai dela vou fazer de conta que não tô vendo nada. Então, vamo fazer assim eu boto 100 cabeça aqui, 15 cruzeiro que eles têm um pra cada cabeça, então nós vamo botar, dá 150, na metade desse mês a gente vai dividir pra todo mundo assim. Então, acabamo a fome de todo mundo. Tinha criança deitada no corgo pra lavar uma roupa ficar escondido até enxugar pra vestir o trem pra chegar na rua, dentro da aldeia, não tinha roupa. Eu cheguei com 100 cruzeiro naquele tempo. Todo o dinheiro que eu tinha, então era a ex minha mulher, eu falei minha mulher que ela tá fora mesmo. Então, ele foi assim, e foi acabando. E aí ele pegou e falou, não nós vamo resolver esse problema. Aquelas casa lá que abandonaram eu falei vamo vender pra todo mundo. Vamo vender pra todo mundo. Aí começou a arrendar e não ia parar a gente não. Aí ele falou, eu vou dizer uma coisa, vamo na cidade dele, e só (trecho incompreensível) e daí pra cá nós fomo pra São Paulo. A mesa ela viu e aí ela acusou a gente pra botar lá em cima, pra botar 300 cabeça de boi no para não. Aí falou com o Marco que é o genro dela era vaqueiro e o Louro aí só dona Niva aí foi conversar com vocês lá (trecho incompreensível). Nem pra dá um pacote de cigarro pra vocês todo mês. Um pacote de cigarro? Pra mistura aqui? Não, nós não come cigarro. Um pacote pra (trecho incompreensível)? Então, eu vou dá parte de vocês, que vocês tá criando gado, então tira o gado de vocês lá de cima. E nós contemo 300 cabeça de boi lá em cima, tem três anos que o gado tá lá em cima.

JULIANA: Só tem três (trecho incompreensível).

JOSÉ DAMACENO: Não, mas desde que ele era pasto do governo, que o governo não... É nós que administra.

JULIANA: Mas, quem arrendava eram os próprios índios?

JOSÉ DAMACENO: Era pra botar o escolhido, ela veio pra ir lá por cima e botava. Então, ela foi lá, ela falou que dava um pacote de cigarro pra cada família. Mas, nós não vamo come cigarro, aí pega e deu parte aí chegou...

JULIANA: E essa Dona Nilza era uma indígena também?

JOSÉ DAMACENO: Não, era vizinha, viúva, indígena, o irmão dela chama Marcos, outra chama Loura. Eu peguei e chamei atenção foi o delegado da FUNAI o delegado pegou e me chamou, lá vai nós lá, fechou umas 10 horas do dia. Nós foi explicar, é assim, assim... Aí o delegado da FUNAI, o delegado lá do coisa, o Miranda. Aí ele falou assim "só vai tirar o gado". O senhor vai retirar o gado ou não vai? Quantas cabeças vocês comeram? Nós comemo 60 cabeça de boi já. Eu falei com o senhor até hoje seu Zezão, o senhor é franco

(trecho incompreensível). Quando eu tiver doente não vou falar que eu tô bem não, agora eu não vou falar uma coisa que não é, eu vou falar aquilo mesmo. Eu falei, tô pronto. Então, vamo acertar com ele? Eles vai come meu gado todinho, continua (trecho incompreensível). Ele tá com o direito, que ele é índio, ele sabe conversar, sabe entender, se vocês não tirar o gado do terreno, do território, ele vai custar a come e vai come esse resto todo. Ele disse continua. Eu falei, vai continuar mesmo agora, nós vamos descer lá embaixo. Aí nós retirou e pronto, cercado, cerquinha certinha. Ofereceu um pacote de cigarro pra cada família. Três ano de arrendado. O coisa, o Zé Serra, é muito forte lá (trecho incompreensível) no meio certinho. Uma foi essa mulher e um tal de Cassin, lá num parava não ficava só beirando nós lá, não parava não. A terra é do governo eu disse agora com ele que eu não vou. Ah, encostar o caminhão e encher com o gado, eu não vou, não até lá pra começar a mostrar pra ele agora. É nossa terra, é um direito nosso. Foi assim. Peguei e fui pra São Paulo. Vai vim do Mato Grosso. No Mato Grosso que uns tem (trecho incompreensível) em todo canto do Mato Grosso é isso, pediro pra mim ser cacique lá na cachoeirinha que eu chego lá, esse tempo atrás era cinco mil oitocentos e cinquenta, aí eles pediro pra mim ser cacique e eu falei uhum, você não ganha nada, não quero não. Não dependo, eu ajudo a plantar, mas se precisar de mim eu tô as ordens eu sou liderança. Todo mundo gosta de mim nessa terra, aqui ninguém fala mal de mim tanto que pergunta que vocês vão ver, de todo jeito eles vão e me percura. Eu tenho só a quinta série só. Eu entendo outro idioma dentro do Brasil, sei falar até paraguaio um pouco.

JULIANA: Seu Zezão, e lá na fazenda Guarani tinham outros índios quando o senhor chegou, outros povos indígenas?

JOSÉ DAMACENO: Não, começou chegando os pataxós, né, e até hoje a reserva ficou... E tem um pouquinho, uns três, quatro pescale só. Se tá, né? Tem mais é pataxó.

JULIANA: E nessa época que o senhor estava tinha polícia?

JOSÉ DAMACENO: Não, as polícia, só tinha, na verdade, tinha saído já. Quando o Magalhães morreu saiu tudo. Acho que era cinco ano já. Então, ali o povo perdeu tudo, saiu daqui e levou pra lá. Que ali só tinha, veio, limpou a terra e foi pra o governo, né, o governo passou que não tinha quem levar a terra. Então, tirou eles daqui, levaro o povo nosso todo assim, algemado tudo, e nós muito... O seu Zé morreu quase lá desgostoso, que lá não tem lugar de pescar, lá só tem um Corguinho assim e tem uma cambia bem assim, e aqui comia peixe, direto. Aí eu falei pra ela por isso que tá adoecendo e morrendo tudo, morreu tia Lucinha, não conseguio não, morreu tudo. No mesmo macamal que é amargoso não tinha. Fazer o que? Pescar o que? Tinha muita rã, muita é rã lá. Aí (trecho incompreensível) coco

tinha muito também. É o que eu tô falando cato o peixe assim, tomar banho, beber água do rio doce, agora quero ver, até tamparo o rio doce botaro (trecho incompreensível) isso aborrece a gente, é muito triste.

JULIANA: E você e quem?

JOSÉ DAMACENO: Uma coisa que conhece também a história. Liga pra ela, eu tenho o telefone. Sabe que ia morrer mais ainda. Ela tá com 114 ano. Não veio não. Os irmão vem que ela é evangélica, né, vai querer a Santa, a irmã. Eu sei... Eu trabalho todo dia na (trecho incompreensível). Então, acabou, não pode é muito apavorar a gente, perguntar muita pergunta faz doer a gente por dentro. Entendeu? A gente é forte, mas se for mais fraco aí eu trouxe aí do vizinho. Ela quase não vem aqui. Mas não vai deixar não?

INTERLOCUTOR: Quebrou tudo, né.

JOSÉ DAMACENO: Douglas, Gervaso (trecho incompreensível) saúde, então atrapaia. Então, a gente segura firme, né. Antigamente pegava peixe... Lavava vasilha. Agora acabou tudo, acabou o rio doce.

INTERLOCUTOR: Deve ter poucas, né.

JOSÉ DAMACENO: Acabou mesmo.

INTERLOCUTOR: Deve ter por aí, né?

JOSÉ DAMACENO: Até no Boa Vista passou não, bastante.

INTERLOCUTOR: Era um sopão que vinha, e nem tinha mais.

JOSÉ DAMACENO: Não, eu tô falando assim, deve ter outras dessa, mas...

INTERLOCUTOR: Nessa nós sofre, o povo branco também é forte, só que também é muito... Não é, eles fica mais que a gente, né. Ainda bem que é só dá uma força mesmo, bate asa...

INTERLOCUTOR: Um trem pesado desse.

JOSÉ DAMACENO: Sem esforço.

INTERLOCUTOR: Carrega, quem quer levar leva.

JOSÉ DAMACENO: Plantar com água do rio doce, botava a água presa. Muito pouca planta fui lá agora, não planta mais nem quiabo, nem melancia mais, porque vem essa pipinha aqui, aqui dá pra nós só as banana e só. Não tem como botar muita planta. Aí pegou fraco e passou tudo. Se eu planto uma melancia eu vou vender na cidade lá ele pergunta de onde que é, é aguada porque? Eu nunca disse que vende aqui, não conta não. Eu disse que é do rio doce, tem medo de chupar, né. Desse jeito, nenhum peixe. Nós saimo pra comprar peixe lá. Tem que saber qual é o peixe mesmo pra comer. A pessoa tem medo de comer o peixe,

né. Tem peixe que todo dia eu vou lá em cima. Tem peixe, mas daqui três dia o peixe tá morto porque isso daí é de outro rio, desagua de outro rio e entra dentro.

INTERLOCUTOR: Ainda traz mais sujeira lá de cima.

JOSÉ DAMACENO: Tinha seis cachorro morreu tudo. De vez em quando vai no rio beber água e morreu, caindo e morrendo. Não tinha injeção que se animava. O pessoal, gente vocês não pode (trecho incompreensível) eu trouxe aqui uma cachaça e bebe, e vai matando devagar, não mata de uma vez não. Vai virar câncer, vai secando a vista, vai dando outros problema de doença, então num arrisca, então não é nem gente daqui, França, francês vem aqui vai pegando um monte de coisa, vem aqui, eu vejo eles lá em cima, tem dia que eu dou oito viagem com oito repórter. Mas, eu explico pra vocês ainda não arrisca não. Não lava na água, não lava o cabelo da gente. O rio doce acabou, acabou o rio. Domingo mesmo eu fiquei o dia inteiro, fui almoçar as 3 horas da tarde (trecho incompreensível) aquele negócio de bolso. É um bolso...

JULIANA: Repórter?

JOSÉ DAMACENO: Não, aquele negocinho que tem foto.

JULIANA: Ah, drone?

JOSÉ DAMACENO: É. Aquilo ali vem de longe, é uma coisa que tá em cima, lá pra água no barro, vem (trecho incompreensível) foto, a coisa lá em cima que às vezes a gente fica lá em cima que a gente fica o dia inteiro andando naquilo tudo lá em cima, no Paraguai, um dia fomo fazer a festa lá, nós tinha loca que transferiro pra dentro aí no fim (trecho incompreensível). Eles ia cantar, a dança da sandi. Então, acabou tudo, não pode brincar, (trecho incompreensível) qualquer um ver. Nem as criança vai passar no rio doce. Num é? Que oia eu que tô com 63 ano. Daqui 70, 80 ano não tem rio doce mais. Só se for a menina da prefeita de Valadares. Você ainda alcançou ela?

JULIANA: Ah, já ouvi falar dela, mas eu não conheço ela.

JOSÉ DAMACENO: Ela passou na televisão mostrando, pegando um litro d'água e botando aqui no peito, o rio doce não tá morrendo não, tá bebendo. Bebendo água mineral falando que era do rio doce. Falando que tava bebendo daqui (trecho incompreensível) passou na televisão falando assim pra defender a coisa lá. Cadê que ela veio? Eu chamei e ela num veio.

JULIANA: Sim.

INTERLOCUTOR: Enquanto nós faz isso aí. Então, ela num veio não. Bandendo aí até escutar. Porque se for morrer nós morre agora, o rio doce não mata ninguém não, pode

beber, pode usar. Então, bebe água mineral, limpinha, que num é do rio doce, num tá vendo que ela num vai encher um litro e num dá pra beber, ver se ela bebe.

JULIANA: Seu Zezão o rio está aqui perto?

JOSÉ DAMACENO: É perto, o rio é perto.

JULIANA: E as ruínas são lá também do reformatório, do presídio?

JOSÉ DAMACENO: De quem?

JULIANA: Do que sobrou aí do presídio é lá também?

JOSÉ DAMACENO: Do presídio?

JULIANA: É.

JOSÉ DAMACENO: O presídio é ali oia.

JULIANA: É aqui?

JOSÉ DAMACENO: É atrás ali.

JULIANA: Hum, será que a gente pode ir lá?

JOSÉ DAMACENO: Pode sim.

JULIANA: Vamos lá. Seu Zezão, muito obrigada por nos receber.

ENTREVISTADOR: Como que é o nome completo do senhor?

JOSÉ DAMACENO: O meu nome indígena é Tacrô.

ENTREVISTADOR: Tacrô?!

JOSÉ DAMACENO: Agora o meu nome é José Cecílio Damaceno.

ENTREVISTADOR: Ah tá.

JULIANA: Muito obrigada.